



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Edição, Administração e Propriedade—Casa do Galato do Porto—Paço de Sousa
Vales do Correio para Cete

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 628-Porto

Senhora

Quem nos manda o
Quem me deu o Rogério, diga-me quem ele é, por favor. Tudo quanto o pequenino sabe dizer de si, é que tem a mãe na cadeia, mas não sabe o que isso representa.

Ouve dizer aqui a mesma coisa a muitos dos companheiros e naturalmente acaba por concluir que a cadeia é a casa da sua mãe e a rua era a dele. O pequeno, simpático e inteligente, há-de ter com certeza pai ilegítimo; porém, mais tarde, quando chegar a hora de se apresentar no mundo social, é a ele que assim chamam. O pai não!

As nossas casas, casas deles, são baluartes de valores humanos, que não depósitos de rebulho. Nós olhamos para estes pequeninos salvados, como futuros salvadores e para isso os preparamos.

Daqui nasce o ar de originalidade e de independência, com que a obra infante se apresenta. Certos elementos oficiais exigem-nos contas, segundo o artigo tal do código. A gente lê as cartas com muito respeito, rasga com muito respeito e prossegue. O Instituto da Estatística, que quer saber coisas e manda impressos. A gente verifica que não pode enquadrar nada do que é nosso no que é deles, e singra. As nossas contas são outras; outros os nossos interesses. Não sabemos quanto gastamos nem tão pouco, ao certo, o número dos abandonados que temos. Há sempre mesa posta e cama feita para mais um.

Ande lá, minha senhora; diga-nos alguma coisa de Xanxaxé, que assim se chama o Rogério cá em casa. Ele tem sido um dos dos pardais. As queixas contra ele, chovem.

—Olhe que o Xanxaxé não tóca na lata.

—Olhe que o Xanxaxé está aninhado a comer espigas!

Esta é mais forte. Perdeu imediatamente o lugar, pelos estragos que fazia; antes os pardais! Já o guarda estava demitido, e ainda corria a indignação da tropa:—olha o pardalão!

O Amadeu Elvas, que toma muito a peito os negócios da Casa, fez comício e protestou:—tens o papo maior do que os pardais.

Eu já armei em advogado de defesa, alegando que ele só tinha comido uma espiga, mas as testemunhas de acusação carregaram o pleito; que não. Comeu muitas.

Anda a creança humilhada, arre-dio, infeliz! Dá pena!

Uma carta

Pelas cartas que me escrevem e o que nelas se afirma, eu sinto que «O Gaiato» é hoje, em Portugal, o ponto de reunião das elites espirituais, que nada tem que ver com as mundanas. Tudo vem aqui bater. Padre, fiquei viuvo agora mesmo, inesperadamente! Padre, vamos nos casar brevemente! E até os nossos pequeninos vendedores, nas suas ingénuas revelações, indicam que há na cidade do Porto doentes de categoria que sofrem de inquietações:—pregunta ao Padre Américo se há Deus!

Tristezas. Alegrias. Dúvidas. Tudo quanto lava; tudo quanto tonifica; tudo quanto engrandece a alma—tudo foge do pavoroso desmoronar de que dá notícia a imprensa diária e vem-se acolher a este abrigo de paz, cujo material é, já Paz.

A carta de hoje, carece de um pequenino preambulo: Eu morava ao tempo, em um quarto do Seminário de Coimbra, no doce regato de cama feita e mesa posta, quando um jovem me bate à porta: ampare-me, que me encontro só.

Tinha saído ontem de um estabelecimento do Estado, por ter atingido a idade. Falamos demoradamente.

No dia seguinte vieram mais dois, do mesmo ser. Tornamos a falar.

Compreendi que era chegada a minha hora. Deixei o remanso e lancei-me na luta, por graça de Deus.

Alugamos casa. Começamos vida. Este mancêbo foi, desde a primeira hora, o meu braço direito, no que se chamou depois e hoje é, Lar dos ex Pupilos dos Reformatórios em Coimbra.

Andaram os tempos. O rapaz serve a Pátria nos Açores. Regressa. Coloca-se em Lisboa. Trabalha. Estuda. Quere fazer Lar.

Aqui não passagens da carta:

Mau Padre:—

Vai já longe o meu silêncio. Mas assim era preciso que fôsse, não porque eu não possa dispôr de tempo, mas sim pelo ensinamento que um dia me fora dado: "É preciso que contes contigo..."

Pois bem, assim foi e eis que nem eu falei a mim mesmo nem Deus me faltou com o seu auxílio. Ele nunca falta ao prometido, o homem é que raras

mente sabe cumprir e conhecer a sua missão.

Terminei já há dias os exames. Alemão, 14; Geografia, 14; Francês, 16; Econ. Política, 18.

Espero que lhe proporcione com tais resultados um pouco de alegria e animo.

Quero dizer-lhe, meu Padre, que dentro em breve caso. Quero isolar-me de todo o contacto prejudicial em qualquer aspecto. Se viver numa pensão não tardam os "conhecimentos" a enfraquecer-me a vontade, arrastando-me, nesta cidade de vicío, ao cinema, ao café, quero dedicar-me inteiramente ao trabalho e ao estudo.

Em terceiro lugar e por fim, porque ao meu irmão que está prestes a sair da Colónia ao contar 21 anos, o quero trazer para a minha companhia a fim de fazer dele alguma coisa, arranjando-lhe emprego e obrigando-o a estudar.

A maior dificuldade neste caso do casamento reside em arranjar casa. Por isso, estou certo que o meu Padre não deixará de me ajudar.

Não deixo, não senhor. E, até, fica já aqui recado ao Director Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores, para elevar um nadinha a bolsa-de-estudo a quem tanto tem feito por merecê-la. O Doutor Eurico Serra é amigo da justiça. Vai-me escutar.

Outrossim, deixo recado ao Sub-secretário de Estado que risca nas Casas Económicas.

Como nunca tive a felicidade de lhe falar, nem tenho cartão de visita, faço hoje, aqui, a minha apresentação; e desta sorte, quando o continuo for anunciar, já se sabe do que se trata: casa para um meu filho.

Uma vez que eu mendigava em um teatro da cidade do Porto, uma senhora que não sabe o que tem de seu, por muito ter, desdenhou: Que vale o que ele faz? Não acode a tudo!

Pois eu cá, minha rica senhora, leio por outra cartilha. Só um naufrago que eu salvasse; só este naufrago que fôsse, seria o prémio adequado de uma vida de trabalhos! Se o Cego de Maio pensasse à sua maneira, minha senhora, nunca se teria botado ao mar. Nem vocelencia gostaria que outros fossem da sua opinião, se um dia caísse ao rio com outras senhoras.

Menos verbênas a bem dos naufragos, e mais amor aos naufragos.

Continua na quarta página

Inquietação

Um dos vendedores do jornal, com residência na sucursal do Porto, relatou-me a conversa que com ele houvera, um freguês amigo, como são todos quantos nos leem. Foi em matéria de religião. Desabafos que me parecem sair de almas inquietas à procura da vida, como a flôr, o sol.

—Sabes, eu quero crêr que existe um Deus que nos governa, sim, mas Cristo, é um homem como nós. Que te parece?

O nosso interpelado respondeu que também não sabia muito destas coisas, mas que havia de perguntar em casa; e assim fez. Trata-se da questão da Divindade de Jesus, que já vem daquele tempo: *Quem dizem p'rai que eu sou?*

Da maneira como o garoto relata, infere-se que o freguês não se propunha tirar, mas sim procurar a Fé: —*Que te parece?* E não vinha enganado, porquanto é do peito das crianças que sai o verdadeiro conhecimento de Deus. Eu pasmo de como se faz hoje alavanca do que era dantes estôrvo—o lixo!

A *Obra da Rua* é já, por si, uma afirmação da Divindade de Jesus. Ela é o *Mandamento Novo* em marcha. O amor do próximo sem cerimônias, como Cristo quere que seja.

Eu podia fazer aqui uma página de Cristologia; repetir as palavras do centurião romano que O viu morrer; trazer depoimentos de testemunhas que O viram subir ao Céu. Podia, sim. Mas quê? Quem não reconhece as obras, como pode aceitar argumentos?

Pelo fruto se conhece a arvore. Pelas obras, o mestre.

Se Jesus de Nazaré fôsse somente aquele homem admirável do seu tempo, teria tido a sorte dos outros homens admiráveis. Não seria hoje, como é, o escândalo, a tortura, a Confusão, a duvida: *que te parece?* Nem teria amigos, como hoje tem, a darem a vida por Ele!

Ora aqui é que está.

"O GAIATO", foi visado pela Comissão de Censura

NOTÍCIAS

DIVERSAS

ANDAMOS actualmente ocupados com um desatêrro ao pé do lago. Andam duas pás, dois carros-de-mão e 4 trabalhadores. Eu costumo estar, na tal cadeira que me fizeram, a gozar.

Um dos pequeninos trabalhadores pára vezes-a-miúdo e fita os olhos na corucha de um pinheiro.

— Que é?

— É uma rôla. Venha ver também!

Este também, que parece uma simples figura gramatical, é mas é uma conquista do amor. O pequenino goza com a viata da rôla e quer que eu participe. Eu vou logo. Espreitemos ambos.

Olhe que linda!

CRÓNICA DO

Lar de Coimbra

Pelo Herlander

Depois dum prolongado silêncio, motivado, principalmente, pelos trabalhos escolásticos, os cronistas desta secção doendiabrado «Gaiato» voltam a dar notícias aos seus queridos leitores, alguns dos quais já nos enviaram as suas perguntas acêrca da nossa vida, da nossa existência. Bem hajam pelo interesse, que arquivamos no coração. Aqui estamos presentes.

O ano lectivo terminou. Os livros são arrumados nos estantes, a gozar férias, enquanto os seus donos continuam a trabalhar sempre, cada qual em seu mister, porque esta é a nossa melhor recompensa na vida. Feito um balanço do aproveitamento escolar, assinalam-se resultados satisfatórios, que nos lisonjeiam e nos estimulam para enfrentar novas lutas, novas dificuldades.

Ei-los: *Carlos Migueis* — estnografia 16; português 14; fisico-químicas 10; inglês 12; contabilidade 10; transitou para o 5.º e ultimo ano do comércio. *Filipino Martins* — contabilidade 10; passando ao 4.º ano do Comércio, mas ainda com algumas cadeiras no 3.º ano por motivos de saúde. *António Botto* — não teve exames e frequente o 2.º ano do comércio; *Luiz Ferraz* — Físico-químicas 12; desenho 12; modelação 12; passou ao 5.º ano da Indústria. *Mario Santos* — português 14; história 11; modelação 11; frequente o 4.º ano da Indústria. Os dois únicos alunos do ensino liceal, um, o Herlander, pelo facto de ter sido chamado ao Curso de Sargentos Milicianos, e o outro, António Amaral pelo tratamento a que foi submetido no principio do ano, têm exames ainda na próxima época de Outubro.

Não se pode esperar nem exigir mais destes briosos estudantes noturnos (excluídos os dois últimos), que têm as suas aulas depois de 8 e 9 horas de trabalho oficial! Só merecem elogios e louvores, êles que dispendem um esforço considerável e que reconhecem só com êle ser possível alcançar um ideal, uma posição condigna na vida, que lhes permita, mais tarde, a subsistência e a estabilidade da família que venham a constituir. Suprem ainda com êsse esforço desmesurado as deficiências do berço e as fracas possibilidades educadoras dos pais. Continuaremos, presos à nossa divisa de «Semper fidelis», e fazendo do pêso dos trabalhos um lenitivo aos nossos sofrimentos.

Para festejar este ano de trabalhos, a nossa governante prometeu-nos um «chá elegante». Esperamos-lo, sequiosos.

Que importa o trabalho do desatêrro? Que se me dá da matéria, quando o espirito vibra? *Olhe que linda!*

Quando o pequenino trabalhador regressa ao carro-de-mão, depois de gozar a rôla, de novo me sento na cadeira, ao pé das bicas do lago.

Da ave que ali ao pé de nós arrulha, vou até ao templo de Jerusalem, ver como Maria e José pagam o tributo de pobres, por terem dado a Luz ao mundo — duas rôlas! A nossa alma também é um templo. Cada alma um santuário.

ASSIM como foi do centeio, também hoje com o milho, temos cá em casa música de chocalhos, por via dos pardais.

O maior chama de manhasinha cêdo, os dêles que receberam a missão de tocadores. São o Zé Pereira o Xancaxé mai lo Cândido dos Guindais. Os ares andam atroa-dissimos. Os pardais, apavorados. *Eh passada que comeis tudo e não deixais nada!*

De vez em quando, em horas vagas, vai um compadre dos tocadores dar um rufo no instrumento, e o barulho redobra. Se alguém tenciona vir cá por êstes dias mais chegados, aconselha se que venham munidos com bolas de algodão enfiadas nos ouvidos, muito atacadas como se faz às buchas das espingardas, para que o sangue não salte.

O *Matozinhos* é um simpático garoto que eu trouxe daquela terra, quando ali fui pedir pelas mãos do Padre

Um postal
Cá estou ao pé do teu pai e do teu irmão José teu pai está na cadeira de Monsanto que ainda lhe falta 3 anos para sair.

Sim. Depois de sair, é certo que torna a entrar. Esta é a sorte dos que foram abandonados desde o ventre das mães e alguns, até, no próprio ventre! Quem tiver ouvidos de ouvir, que oiça.

Hoje não sei como é; os tempos teem mudado para pior. Mas dantes, o povo da nossa terra, mantinha religioso respeito ao tempo de *desejos* da grávida. Ora se um simples desejo é de respeitar, quanto mais não é a necessidade de comer? E nem sempre se tem respeitado, em nossos dias, esta grave necessidade. Ele é verdade que em teoria acode-se a tudo. Na pratica, não.

Quantas grávidas não tenho eu topado no meu giro de pedinte!

— Oh mulher, você está doente?
— Não meu senhor. Não tenho que comer!

Aqui, a fonte das crianças abandonadas; fontes de vida, a gerar a morte! Daqui, em regra, partem os prisioneiros de Monsanto. Como pode ter forças para resistir às tentações, quem começa a ser aborrecido, naquela mesma hora em que devia ser amado?

Esta Mãe, vendedeira ambulante, deu-me um de 3 filhos que consigo trazia, uma vez que nos encontramos. Mais tarde, vejo-a no Pôrto; *são papéis, meu padre. Ando o papel p'ros meus filhos.*

Hoje, escreve de Lisboa: — *queria que tu me mandasses o retrato já há tanto tempo que te não vejo.*

E lá anda a esfarrapada o papel p'ros filhos, agora também p'os pais deles, que não é o homem delal! Triste privilégio da mulher de muitos homens — não ter nenhum.

Ora eu acalento a esperança de que o filho, vivendo na nossa casa, saiba mais tarde compreender e sentir a tragédia e assim dar a seus filhos melhor sorte e à sociedade mais segurança.

Grilo. Se não fôsse o Mogo, o cego vinha sem nada! Ora o *Matosinhos* é hoje o dos bacios. Esta obrigação, nas nossas casas, além de ser pouco limpa, está muito sujeita: mete *inspector*.

O inspector é o Alfredo. Ele vai cheira peça por peça e às vezes, recusa. Ora aqui é que está.

O *Matosinhos* refila; atira-se ao inspector vem ter comigo, — *ó tio, olhe o Alfredo!*

Tenho lhe prometido que êle larga a pasta apenas venha outro e as coisas, por agora, vão mais serenas. Afinal-de-contas, a gente tanto barafusta contra directores, e temos cá um inspector, que ainda é pior!

E' pela bôca que o peixe morre;

QUANDO chega à nossa casa um pacote de *Falscas* arde Tróia! Ontem, o Pôrto levantou-se de noite e foi à enfermaria anexar um molho delas que ali estava para uso dos doentes e o barulho que aqui nasceu, não é de contar a ninguém

Eu mandei repôr, visto não se tratar de espaço vital.

Outros em horas vagas e sobretudo nos domingos, aninham-se onde calha, cotovêlos apoiados e cabeças entre as mãos, a ler a *Falsca*.

Já tem havido sôco!

DOS pintainhos da última ninhada, ficou um muito atrasado. Não tem penas nem corpo, enquanto os companheiros estão feros e são galantes. O João Francisco,

O sentir do nosso Povo

Ontem de manhasinha, apareceu à nossa porta uma rapariga, Regente de um pôsto de ensino, a contar de como acolhera uma creança dos caminhos, e que actualmente não pode continuar a guarda-la, sim, mas que deseja proteje-la; e ofereceu-se para dar enxoval, mensalidade, tudo quanto eu quizesse. Não disse nada da sua pobreza, repartida por uma pessoa de família que consigo vive. Não disse nada do seu heroísmo.

Quere amar a creança até ao fim; «eu tomo conta depois».

Subimos ao refeitório. O Elvas trouxe café. Fizemos uma refeição deliciosa e justamos o dia da entrada do pequenino.

Se êle existe no mundo uma Obra, que oferece ao pequenino transviado a oportunidade de se achar, e às almas doídas, a facilidade de os colocar. Se o ajuste de qualquer dos casos é feito numa deliciosa refeição, servida por deliciosos creança, feita por cozinheiros sem barba.

Se os requerimentos e os atestados e as certidões e os dinheiros, tudo fica fora da porta, para dar lugar unicamente à creança que vem para aquilo que é seu. Se já existe uma obra assim, com esta da Casa do Gaiato; são duas. Quem dera mais!

que é o *inspector* desta secção. pôz-lhe um nome cheio de espirito; é o *avestruz!* Lá vem o *avestruz!* O *avestruz* tem privilégios, pela sua fraqueza.

Entra no refeitório quando muito bem lhe parece, às migalhas. Ninguém lhe toca. E' uma quasi-mascote da tropa; *olha e avestruz!* Usamos aqui a força a favor da fraqueza. Não me canso de prêgar e incutir esta doutrina na alma destas crianças e até, por isso mesmo, tenho muito gôsto no *avestruz*, que também prêga. Não sei bem se os *Três Grandes* serão capazes de remediar o mal que no mundo se tem praticado, justamente por ter se feito da fraqueza pasto da força; não sei! Tôda a riqueza que não tem funções de servir; tôda a força que não tem funções de amparar; todo o prestígio que não procura consolar — *quid prodest?*

O Elvas, o da camigola amarela na venda do jornal, é servente de mesa e chefe de refeiteiros. Ora acontece que, ultimamente, e por causa de um negócio de trocas que êle fez com o Ernesto, o dito tem uma gaita de folhêta escondida num armário e à hora das refeições, enquanto serve, não deixa perder nenhuma aberta, para dar uma assoprada! Eu pasmo do despalante, porque isto dá se justamente nas minhas barbas!

O Carlos Inácio é também um dos serventes de categoria. Hoje ao jantar, veio o Maioral à minha beira com dois pratos de batatas; um a abarrotar, outro quasi sem nada.

O Inácio, ao passar com as travessas, encheu o dêle e serviu aquela miséria ao seguinte, que era o Filipe do Seixal. O Maioral viu; indignado; queria saber que contas eram aquelas. Nisto, e antes que eu tivesse ocasião de falar, levanta-se o Rio Tinto: *troca os pratos!*

Boa bolada, replicou o refeiteiro inteiro. O Inácio não pôde esconder a sua humilhação. Comeu precisamente aquela migalha que quiz dar a comer. Apoudeu à sua custa o *fazer aos outros aquilo que gostarias que te fizessem a ti*, que vem a ser a máxima suprema do Evangelho, pela sua simplicidade.

O NTEM à noite andou a colher de pau, à hora do apurar contas.

E' o «Preta». O «Preta» é o pequeno mais difícil que cá temos em casa. Tenho-o chamado vezes sem conta. Gostaria de o dissecar, mas as almas são impenetráveis.

Furta e mente assustadoramente. Agora, entrou nos dominios do João Maria, o das capoeiras e levou 4 ovos.

A colher de pau, manejada por um dos chefes, foi pelo ridículo, pelo aparato, pelos apupos da comunidade. O pequenino «larápio» tem cá mais dois irmãos. Esteve hoje no meu quarto. Escuta os meus rogos, mas não executa; não tem executado.

O Francisco, o dos pintainhos, foi ter comigo onde eu estava: — *venha, venha*

Fui sem saber para onde nem para quê. Ia em boa companhia e isso basta a. Chegamos à porta da cozinha. Andavam por ali franjamentos a esgravatar. *Ora escute.* Daí a nada um dêles canta. *Vê, já canta!* Fui levado de tão longe observar a coisa mais trivial do mundo.

Ora o importante da nossa obra consiste justamente nisso: dar reales ao trivial. Não fui feito p'ras coisas grandes. Amo mais as pequeninas!

O nosso Francisco é adorável na sua missão. Interessa-se. Zela. Sempre que os cozinheiros recebem ordem de abater uma ave, teem se de esconder do Francisco.

Quando foi das tais injeções de caldos de frango ao Fernandito, houvemos de os comprar todos no povo do lugar, e tinhamos tantos em casa. Era no tempo em que êles puravam crista e tingiam penas: *Ai! êste não.*

Duma vez vi-o a chorar.

— Que tens?

— Foi o Carlos que levou o mais bonito! Com tantas aptidões de trabalho e nobreza de sentimentos, esta luz esteve debaixo do alqueire durante 2 anos e quê, em um estabelecimento de assistência.

— Que fazias tu lá?

— Nada!

Pois é. A estrutura daquelas casas é outra. Ali, estão para dar que fazer.

NOTÍCIAS DA CASA DE MIRANDA

ASSINATURAS PAGAS

Dizem

LENHA DO JORNAL

por João Carlos

OS NOSSOS POBRES

O velhito do Vale Salgueiros já tem mais outro buraco nas costas. Diz êle que cada vez está pior. Temos-lhe dado sempre remédios mas o pus é tanto que os remédios não fazem nada. Quási que não se pode mexer. A's vezes lá sente uns alívios mas é muito raro. No domingo fomos visitá-lo e ele pediu-nos pomada e algodão porque sem algodão a camisa pega-se á ferida e depois para tirar custa muito e faz umas dôres terríveis. A tia Inocência às vezes não vem cá beber o café, mas vai lá sempre comer o caldinho.

A pobrezinha da Estação ainda está á espera das roupas para os filhitos. Esta tem muitos filhos que ainda não podem ganhar a vida. Agradecemos alguma esmola de alguns bemfeitores da nossa Conferencia que nos mande.

O Secretário,

João Carlos Freitas.

No dia 26 de Julho terminaram os exames cá da nossa casa. Fizeram exame da 3.ª classe 6 gaiatos e 4 da 4.ª classe. Todos ficaram bem. Deitaram duzia e meia de foguetes. Estão muito contentes porque já se viram livres da escola. Agora cada um começa a ir para o seu emprego. Vão dois para o Pôrto, um para o Seminário e outro fica cá a ajudar.

III

Mais uma vez, jogamos a bola com os rapazes das colónias onde, saímos vencedores por 9 pontos a 7. A nossa linha era: Chico, Sérgio, Camilo, Zé Carlos, Zé Maria, Manteigas e Humberto. O Camilo bateu o guarda-redes das colónias por 4 vezes, o Manteigas duas e o Zé Maria três. Os rapazes das colónias nunca querem que o Sérgio jogue mas nós fazemos com que êles deixem jogar. E' muito crescido mas só tem 15 anos. Ganhamos a êles por três vezes. No fim do jogo vamos sempre tomar banho á piscina e depois segue-se a tourada com o carneiro. Parece mesmo um touro. Só o Sérgio é que sabe lidar com êle.

III

No Sábado de manhãzinha partiram para a venda do jornal quatro gaiatos e o snr. Joaquim que os acompanhou. Foram para a Figueira da Foz onde venderam muitos jornais. Depois regressaram a Coimbra onde também venderam muitos. Só o Pedro vendeu 150 «Gaiatos». Vieram muito satisfeitos porque tinham tido muita sorte, mas ao mesmo tempo vinham cansados.

III

A lenha aqui fica muito cara. Todos os dias saem comboios carregados dela. Quanto mais sai mais cara é ela. Para poupar cavacos o Senhor Joaquim resolveu ir ás pinhas ao pinhal. Foi o João, o Bernardino, o Tónio, o Zé Carlos e o Manteigas. Fartaram-se de tre-

Rogério Barbosa, Vila N. de Gaia, 20\$; Henrique Alegre de Magalhães, 20\$; Angelina de Carvalho, 25\$; Maria do Céu Santos Silva, 30\$; Maria José Ferrão 30\$; Miss Seadon, 25\$; — todos da Foz do Douro. Dr. Joaquim Carvalho Mendes, Castelo de Paiva, 25\$; Regina Nazaré de Oliveira, 25\$; Eng. Nicolau de Carvalho, 4\$; Maria das Dores Monteiro, 25\$; Armando Costa, 5\$; Maria Helena Mesquita, 25\$; Joaquina Marques Nogueira, (1/2 an.), 12\$50; Madalena da Rocha Brito, 3\$; António Manuel Pereira, 20\$; Afonso Magalhães, 100\$; Luís Ferreira, 20\$; Alberto Cadete Leite, 100\$; Maria Ribeiro Ferreira, 50\$; João Fonseca, 20\$; Manuel Rodrigues Gomes, 2\$; Menino Paulo Soares da Rocha, 2\$; Adolfo José da Fonseca, 100\$; João da Costa Barbosa, 5\$; Ascensão Carmo, 100\$; Alvaro de Almeida, 20\$; António Fonseca Lamas, 20\$; Glória Alice Faria, 2\$; — todos do Porto. Dr. Francisco Tavares, Rio Tinto, 20\$; Ilídio Jorge Baptista Alves Carneiro, Trofa, 20\$; Georgina Silva, 20\$; Alberto Augusto, 25\$; Ariosto Saturnino, 5\$; Hirtense Saturnino Moniz da Maia, 30\$; Maria Berta Moniz da Maia, 20\$; G. Morles, 25\$; Teresa Ferrão, 25\$; — todos de Lisboa. António Viegas Costa, Santa Comba Dão, 100\$; Francisco Gil Cadima, 50\$; Dr. Joaquim Ferreira Monteiro, Alverca da Beira, 100\$; Maria Eduarda de Lima, Viana do Castelo, 15\$; Virginia Mendes Abreu, Braga, 20\$; Dr. Alfredo de Abreu Valença, 20\$; Dr. Augusto Correia, 50\$; Dr. Egídio Amorim Guimarães, 30\$; Manuel C. de Oliveira Gomes, 20\$; — todos de Braga. Jerónimo Pais Rebelo, Cano, 20\$; Luísa Nunes Malta, Montemor-o-Novo, 50\$; Maria Joana Reis M. Ita, 50\$; Dr. António Maria de Vila Lobos, 50\$; — todos de Montemor-o-Novo. Maria de Lourdes Pinto Simões, Silves, 35\$; Jorge Duarte, Sintra, 20\$; Stela de Magalhães, Mancelos, 20\$; Gonçalves Ramada, Cova da Iria, 100\$; Maria Clara da Cruz e Costa, S. João da Madeira, 50\$; Octávio Amaral, Coimbra, 20\$; A. de Matos Tavares, Setúbal, 50\$; António Moreira dos Santos, 20\$; P. José Feliciano Rodrigues Pereira, Milharado, 60\$; Maria da Natividade da Silva Tavares, Cardigos, 25\$; Maria da Conceição Oliveira Gomes, Riba de Ave, 20\$; Cónego Avelino Duarte Semedo (1945 46) Portalegre, 50\$; Maria Margarida Pereira, Paredes, 2\$; Herculano Ribeiro da Costa, Paredes, 2\$; Júlio da Cunha Mesquita, Penafiel, 2\$; José Cimaco Pereira, Bombarral, 20\$; Joaquim Correia da Fonseca, Bombarral, 20\$; Menino António Luís Duarte R. Menezes, Caste 50\$; Fernando Gomes da Costa, S. João da Anadia 50\$.

par aos pinheiros para deitarem as pinhas abaixo. Em 3 horas apanharam tanta que o carro do boi vinha cheio até a deitar por fora. Vinham muito cansados. Os outros andam a trabalhar no campo a recolher a bandeira do milho e a apanhar erva. O Figueira anda todo contente com um casal de coelhos que lhe deram em Coimbra. Andam três a dar serventia aos pedreiros e um está no Snr. Zé Maria a fazer cacos. E' oleiro.

III

Todos os anos na serra da Lousã há incendios. Há tempos houve aqui um incêndio que durou 2 dias até que por fim foram lá apaga-lo. Há dias houve um ao pé do Cadaval tam grande que fazia reflexo nas nuvens e iluminava isto tudo.

III

Os gaiatos das colónias andam animadissimos. Alguns pedem para irem noutro turno. No outro dia foram 36 quando haviam de ir só 30. Meteram-se no comboio sem bilhete e sem ordem de ninguém o que depois fez com que o revisor fizesse trapalhada.

Este é já o segundo turno. Termina no dia 9 de Agosto. Todos os visitantes que lá vão ficam encantados com o sitio.

Por estas redondezas, não estar nada certo o aparato das casas da nossa aldeia: nem nós as temos tão boas!

Lamenta-se que se vá buscar á rua a lama, para vivendas assim formosas.

Há, ainda, um outro alarme que se deu, no início da nossa instalação: quem tiver quintais que os cerque, por causa da gatunagem que lá vem, não gata.

Ora eu gosto de ouvir ralar. O mundo ralha de tudo e ralha sempre. Pena é que êstes tais levem a sua modéstia a pontos de esconder as obras que realizam, p'rá gente também ter ocasião de ralar.

Vejam os se sai alguma luz da discussão.

Quando á primeira, se fôssemos a retirar do lixo para o lixo, seria uma simples transferência. Se do lixo para o luxo, seria miséria dobrada. Optamos pelo meio termo; sol, vistas, sabão, conforto e beleza.

Sim, beleza. Sem esta, ninguém educa.

A criança do tugúrio é uma pessoa humana, semelhante a Deus! Esta verdade é todo um programa.

Tem existido na sociedade uma tendência bruta para deixar no chão o que caiu.

Agora, pelos jeitos, a tendência é outra; levantar. Elevar o nível, como se diz em discursos. Já devia ter sido! Nisto, mostramos o nosso atrazo. Pena é que tantos paguem!

Quando á segunda, quem tiver quintais que os cerque, — outra bota.

O meu quarto de dormir, é armazem de quinquilharias e de lambarices. O pequeno chega das ruas e tenta-se.

Furta. Mente. Torna a furtar, torna a mentir — escola que traz. Pois muito bem. Os mesmos garotos, volvidos tempos, vão para o mesmo quarto, aos recreios, ler a Bola, o Sporting, o Diabrête, o Faisca, o Gaiato e outras notícias.

Mandam-se para ali de propósito. Estão sós. Há lambarices. Há brincêdos.

Tudo como dantes, só êles mudaram. Não furtam — escola do Amor.

Eis o único remédio que os salva; chamá-los. Chamá-los para nós. Chamá-los para o nosso quarto de dormir. De uma vez uma fidalga, topou na rua um «farrapo», e deitou-o em casa, no seu quarto de dormir. O marido soube-o e vai, irritado, pôr na rua. Descobre. Aparece Jesus Menino, nimbado de doçura! Outro programa.

Ora os tais ralhadores, gostam de ouvir e de fazer barulho, sim; mas quando ouvem desta musica, retiram-se.

Pois meus senhores e minhas senhoras; quer ralhes quer não, a disjuntiva fica: Ou chamas agora para o teu quarto de dormir a Criança abandonada, ou ela entra amanhã no teu quarto de dormir munida de pistola, para saquear e matar. Daqui não se foge.

Já que Dizem, também eu digo. Assim tu escutes.

Já que Dizem, Também eu digo.

Um pardal

INIMIGOS no campo. Amigos em casa. Um dos no sos doentes, dorme com um pardal que lhe suja a cama toda! De dia tem no amarrado com uma guita ás grades da cabeceira, e reparte com ê e da comida que vem!

Amadeu e Oscar, costumam ir ao Pôrto fazer a venda de sábado, deixando a de domingo aos residentes da sucursal.

Venderam, naquele dia, 200 exemplares e 250 ditos respectivamente. Fui mais que bom! O Amadeu trouxe 27\$50 de acrescimos e Oscar, um pouco mais.

Também trouxe uma esmola de 20\$00 e trez novas assinaturas, do Pôrto, Penafiel e S. Mamede de Riba Tua.

O Oscar queixou-se amargamente do Zé saltimbanco, que se mete nos mercados dêle.

O Amadeu comunica que vendedores estranhos lhe propõem a compra do Gaiato a oito tostões, mas eu sou mais esperto diz êle, e não vendo.

Nas Aguas de S. Vicente e Hotel da Torre, venderam o Inácio, o Zé Eduardo, o Amadeu e o Oscar. Também despacharam 12 livros.

Amoçaram; foi um senhor Doutor que nos deu, informa o Zé Eduardo. Sobremesa e tudo, acrescenta o Inácio. Era peras e pinga, diz o Elvas.

Tentaram, aqui ao pé de mim, dizer quais as iguarias, mas foi tamanha a balburdia entre os quatro, por causa dos nomes das coisas, que eu antes quiz não saber o que êles comeram.

Venderam 78 «Gaiatos» e entregaram 23\$ de sobras. Da vila de Paredes, não se fala; tantos despacham quantos levam na saca.

Os habitantes da Sucursal do Pôrto, despacharam 867 jornais e entregaram 318\$90 de acrescimos. A' frente, vai o Saltimbanco com 205 e os mais fizeram o que puderam.

O nosso enfermeiro

O nosso enfermeiro é o Zé Maria de Cufães. A' força de ser curado, aprendeu a fazer curativos. O médico gosta do rapaz e do trabalho. A malta, da mesma sorte. Eu cá é que não. A enfermaria é paredes-a-meias com o meu gabinete. Os doentes berram — olha que me aleijas! Ele berra mais alto — olha que te faço pior! Assim tomos de ir andando, até aos dias do nosso hospital, onde cada coisa estará no seu lugar.

A' última hora

Colhemos dezasseis, de uma tonelada de batatas que lançamos á terra. Não há nada que seja tão amigo como a mãe-terra!

Hoje, 31 de julho, entrou a primeira Camionete na nossa ALDEIA.

Era o fogão. Já temos onde onde cozinhar as batatas e quem nas coma, não falta. O que falta é a voz a dar os 39 contos. Tenho eu de correr seca e meca pelo dinheiro. Ele é verdade que anda p'rai um anúncio nas gazetas diárias a oferecer cem mil contos — mas é com mira noutros tantos.

O meu negócio não é o deles. Eu sou um falido. A obra não oferece garantias.

Do que nós necessitamos

Continua a ser um carro ligeiro. Como podes tu sofrer esta demora, deixar que o mundo te julgue, perder esta oportunidade—como? Não foi assim com o passe nos comboios; o pedir e receber foi um só tempo. Honra seja a quem mo deu. Fui logo direitinho a um lugar, onde sabia de três doentes incuráveis, cada um em seu casébr. Não os curei. Não podia. Confortei-os, não viessem a cair no desespero.

Pois muito bem; nesta estreia, o Senhor que me quiz oferecer o passe, teve a parte de leão. E da mesma sorte, em todos os passos e estações desta via dolorosa.

Mesmo que aquêlê senhor haja sido um pecador como eu sou, ouvirá do justo juiz a sentença—*a quem muito ama muito se perdoa*. Ora se é possível espalhar tanto Bem nas almas com um simples anual da C. P., que fará nas quatro rodas de um auto?!

Mais uma cama de Lisboa. Mais 20\$. Mais 35\$ de uns Noivos. Mais 500\$ de Visitantes. Mais 50\$ e mais 50\$ e mais 20\$ de Visitantes.

Mais 200\$ e mais 500\$ e mais outra vez 200\$ e mais 50\$ e mais 50\$ e mais 100\$ e mais 100\$—tudo de ilustres Curiosos.

São das oito provincias de Portugal. Dantes eram oito, agora não sei. Tudo quanto esteja ao alcance do homem, está sujeito, como êle, a mudar. Mudar de terra, mudar de opinião, mudar de voz, mudar de casaca—*Mudar*.

Venham mais, muitos Curiosos! Não desejo mal nenhum a ninguém, mas umas insoniasinhas até que cá viessem, isso gostava!

Mais, outra vez, 100\$ e outro tanto de um grupo.

Mais 100\$ do Pôrto. Mais 150\$ de S. João da Madeira, *de fruta do meu quintal*. Mais seis facas de cozinha, de Matozinhos. A coisa foi assim: esteve cá, há tempos, uma Família daquela terra, que por sinal, se *explicitou* lindamente. Pois a senhora, Mãe de um pequenito que vinha na comitiva, prometeu facas, por ter visto alguns dos nossos, de mãos muito pequeninas, a descascar batatas com facas muito grandes. Se bem prometeu, melhor cumpriu.

O nosso chefe foi ao Pôrto, por um fato novo que alguém lhe quiz oferecer.

Também, por amizade de outros, trouxe uma gravata e um relógio de pulso. As duas creaturas mais felizes cá da casa, são, actualmente, o gato do Constantino e o chefe. Aquêlê, por causa dum guiso que traz. Este, por via do fato que tem!

A carta que acompanhava o fato é simplesmente admirável:

Estimava também que êle, como primeiro passeio com êste fato, fizesse uma visita à Igreja, pedindo a Deus que o proteja e faça feliz e lhe permita o use sempre com muita saude e gosto.

E' pai de oito filhos, e mastiga

Ele próprio a oração que o ex abandonado há-de fazer, dentro da nossa Igreja.

No conceito daquele Senhor a oração é alimento. Quando eu era pequenino, via as Mães mastigar o pão dos filhinhos de peito, quando o leite lhes secava. Os higienistas condenam. E' que não sabem a força do Amor!

A carta prossegue em tonalidades de beleza:

Desejo que o Fernando o estreie no dia dos seus anos, como prémio da satisfação que me deu, ao saber da sua nomeação de chefe.

Mais Zés

Aparece agora mais um em Lisboa; é o "Zé Refilão". Sempre que eu refilo aqui por causa dos assinantes, refila êle na volta. Refila bem. Quere êle que se ponha no cabeçalho do jornal—"Endereço Postal, Cête".

O que eu peço ao Zé Refilão, é que não volte a refilar, se eu me vir novamente na dura necessidade de chamar à pedra os tímidos, depois de um tão parentóricio aviso: Vales do Corneio, Cête. Dinheirinho para Cête. Ora muito bem.

Olhe lá; quando me vir em Lisboa, aproxime-se e vamos tomar uma caneca de cerveja. Uma cada um, sem galões, para não refilarmos. Fica, até, assente desde já que é o meu amigo que paga. Como sómente me conhece pelos talentos da pluma, digo-lhe que uso batina, ando em cabelo, trago oculos. Às horas de comer estou no Frankfurt e tôdas os mais, na Arcada, à espera de monção.

Crónica da Casa do Pôrto

Rua D. João IV — 682

O Mondim foi à Póvoa de Varzim dar um passeio de automóvel como prémio de bom comportamento.

Passou por cá o Maioral do Lar de Coimbra, o Herlander, que veio passar algum tempo a Paço de Sousa.

No domingo de tarde fomos passear à Foz.

Vamos ter três dias de retiro espiritual. Veem os maiores de Paço de Sousa e de Miranda.

Necessitamos, caros leitores, de esmolas para a nossa conferência, que começará a funcionar depois do retiro. Para o outro jornal talvez já traga a primeira acta. Passou-se um caso com o Rodrigo; foi o seguinte: Trazia um ovo, perguntou à senhora onde é que o havia de pôr, a senhora disse lhe que o pusesse dentro da tijela, quando o ia pôr reparou e disse que a tijela tinha um grilo, mas era uma barata, e a senhora disse lhe que o pusesse dentro de uma caixinha. Depois é que lhe dissemos que era uma barata.

Uma assinatura do Sr. Zé Sem Mais Nada e um pacote doces. Do Sr. das Botas veio alguma roupa e discos. Mais roupas de uma Senhora da Avenida Rodrigues de Freitas. Um fato que veio da Camisolândia. Um pacote com livros. Uma saqueta com feijão que apareceu detrás do portão. Alguém que veio bater à porta e entregou 2\$50. E por último o Antoinho da Botica deu-nos uma bola de futebol. Uma senhora ofereceu-nos um carneiro e um pacote de doces. Agradecemos aos Benfeitores.

O CRÓNISTA

Povoa de Varzim

Aviso aos incautos

Previne-se a colónia balnear da Póvoa que não deve pôr o seu pé na igreja de S. José, às missas das dez e meia e do meio dia do próximo dia dezanove, a menos que não se importe de ficar sem o seu rico dinheirinho. Eu apareço lá aquelas horas.

Da mesma sorte se faz saber, que o estimado público não se deve aproximar, nessa mesma tarde, da cabine de som da Esplanada; eu talvez ali vá falar. Eu cá previno a tempo para que se não queixem nem chamem o "padre carteirista".

Uma carta

Continuação da primeira página

gados! Para dizer tôda a verdade, se houvesse amor a estes, não teriam lugar aquelas.

Esta palavra salvar, tem, para nós, um significado, que não sei bem se voelencia seria capaz de compreender, justamente por causa dos seus fartos cabedais.

Quando dizemos salvar, vamos direitinhos à alma. E' através da alma, pelas convicções da alma, que o rapaz de quem ora me ocupo, há-de salvar outros. De forma que, senhora rica, tenho pena que o seja porquanto as riquezas ou o desejo delas, são, por via de regra, um obstáculo sério aos problemas do espirito. Daqui nasce o chamar-se engano às riquezas, e aos ricos--enganadores.

Parecendo que salvamos poucos, minha senhora, salvamos muitos, por meio desses poucos.

Muito estimo que as recepções em

CHEGARAM

ao Pôrto mais dois trabalhadores, vindos da Casa do Gaiato de Miranda, com exame de 4.ª classe. Estão colocados. Frequentarão cursos nocturnos, se tiverem engenho.

Um deles tem mãe. Consta que é de fraco porte, mas isso não é da minha conta. Antes de trazer o filho para fora de Coimbra, fui à viela dar uma satisfação.—Se eu tivesse cama para o deitar não lhe dava o meu filho!

Pode ser que seja mulher de má nota, a mãe deste meu filho; pode ser. Mas se vamos apedreja-la, que fazer ao mundo de boa conta!

Eu vi lágrimas nos olhos desta Mulher. Vi amor ao filho. *Se eu tivesse cama, não lho dava.*

seus jardins, continuem, como até aqui, frequentadas pela flôr, como vem nos jornais do dia. E, àqueles ou àqueles que ali se lembrarem da minha humilde pessoa—visitas.

Mas que parentesco terá êste cavalheiro com o Fernando?! Nenhum. E' sómente por ter sido testemunha do que o Fernando fez e visse nas ruas do Pôrto, atrás de mim, num dia de inverno, descalço, transido, aflicto: *leve-me consigo que eu não tenho ninguém.*

Esta compreensão tão divina de como, e a quem se dá, merece que se publique, para ser meditada, porquanto há muita gente que não quiere saber.

Se algum dos nossos leitores tiver devoção, é hoje a maré de nos enviar riscados para camisas. Gostos não se discutem. Cada um manda da côr que mais lhe agrada. O mais pratico será, até, telefonar ao armazem a pedir que despachem e desta sorte, não há responsabilidades na côr. Se não quiere telefonar, escreva um postal, mande recado, ou vá pessoalmente. Os nossos rapazes andam no fio. Alguns até parecem da rua!

Mais 500\$ de Visitantes. Mais um cordão de ouro com uma história que vale dois. Já não cabe no cálice. Mas cabe no altar. E' para as despesas dabanqueta de prata.

Mais um leilão à Americana de uma caixa de charutos, no batizado de uma creança do proprietário da Recauchutagem Triunfo, o qual rendeu a soma de 2.221\$50. Entrou no mundo com o pé direito!

Mais roupas de V. N. Ourém. Mais uma cama de ferro das Caldas de Moledo. Mais 5\$ de um Carlos, pelo seu exame de admissão ao Liceu. Uma tarifa de medicamentos de Lisboa, foi aqui devidamente recebida e muito apreciada. O mesmo se diz de uma de Coimbra. A tal ponto amou Deus o mundo que nos deu o seu próprio Filho, e êsse Mundo assim amado, não ama! Necessitamos de medicamentos, fortificantes, tónicos, para insuflar vida a estes seres!

Mais 50\$ e 50\$ e 20\$ e 20\$ e 140\$ e uma joia, tudo Visitantes. Não temos aqui os atrativos das Feiras Populares, sim. São atrativos de ordem espiritual, por isso mesmo são tão poucos os visitantes; Mais do Luso uma blusa de malha, mais 50\$ de visitantes e mais 50\$ idem e mais 500\$ por carta e mais nada.

Redacção Vale 2.º PA RA

Comtada e chaman samentção, vi galinhe Avance alpendi cozinha o seu já pró Enfim, tantino, cos e volta d o ampli povoad hora c encontr logo re Rio Ti Padre A Pediu-n dou me agradece preferi à cozini Come Durães compan para lha quitos» êle. Fica a folhe — Eis tam ma e, em Um do gordo e pranto consolá mais ef — Ol coisa p junto d e proci das cois Foi um saram c interess quando